

Imagens de Selvageria e Civilização: os Miranha e as fotografias de Albert Frisch

Maria Luísa Lucas^a

Resumo: O objetivo desse artigo é apresentar ao leitor algumas imagens do álbum *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro* feitas na segunda metade do século XIX pelo fotógrafo alemão Albert Frisch e hoje tidas como as primeiras fotos da Amazônia. Nossas atenções estarão voltadas especialmente para as fotografias tomadas entre os Miranha no alto e médio Solimões. Por meio da comparação entre os artifícios de composição e montagem das imagens com os dados etnográficos e históricos disponíveis, veremos como as fotografias oscilam em retratar os Miranha ora como 'selvagens', ora como 'civilizados'. Notaremos ainda como tais atributos, aparentemente contraditórios, não são uma particularidade do trabalho de Frisch.

Palavras-chave: Albert Frisch, Miranha, Amazônia, Rio Solimões, Fotografia.

Em outubro de 2019 diversos meios de comunicação, como a BBC internacional, noticiaram a compra de um álbum com 98 imagens do fotógrafo Albert Frisch na famosa casa de leilões Sotheby's, em New York. As placas com as impressões e seus respectivos títulos, créditos e anotações foram adquiridas por 81.250 USD pelo Instituto Moreira Salles, no Brasil. Trata-se de um raríssimo exemplar do álbum que, em 1869, era comercializado no Rio de Janeiro pela Casa Leuzinger. Embora instituições como o Leibniz-Institut für Länderkunde e o Ibe-

^a Professora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). E-mail: mlucas@usp.br. Orcid: 0000-0002-0229-2604.

ro-Amerikanisches Institut possuam algumas dezenas de impressões das fotos de Frisch, até o momento acreditava-se que o único álbum completo existente era aquele depositado no Weltmuseum, em Viena.

A revelação da existência de um álbum completo numa coleção privada e sua subsequente comercialização trouxeram outra vez à tona a particularidade de tais imagens¹. Feitas entre 1867 e 1868 na região do alto e médio rio Solimões, elas são muito provavelmente os primeiros registros fotográficos das populações indígenas na Amazônia². Meu objetivo, no que segue, não é re-tematizar o pioneirismo do trabalho de Frisch, já abordado por autores como Kohl (2015), Andrade (2002) e Gâmbra (2013)³. Ao invés disso, me concentrarei em apresentar brevemente algumas imagens do fotógrafo para, a partir das mesmas, interpretar as relações entre indígenas e não-indígenas que se revelam quando cotejamos as fotos em questão com informações etnográficas disponíveis em relatos antigos e contemporâneos. Mais especificamente, ao demonstrar como as fotos, as composições e as legendas de Frisch podem ser lidas enquanto pujantes documentos históricos e antropológicos, perceberemos como ‘selvageria’ e ‘civilização’ foram imagens constantemente ‘extraídas’ (Taussig 1987), montadas e manipuladas na Amazônia Ocidental. Assim como tantos produtos vindos da selva, tais imagens não são apenas mediadoras que nos ajudam a melhor compreender esse período – elas são, em si, história e relação.

Albert Frisch

Nascido em 1840 na Baviera, Christoph Albert Frisch tinha apenas 27 anos quando, após viver em Munich, Paris e Buenos Aires, navegou os cerca de 1600 km que separam por via fluvial os municípios amazonenses de Tabatinga e Manaus. A viagem, encomendada por Georges Leuzinger (proprietário da Casa Leuzinger), buscava fornecer imagens dos povos e das paisagens do interior do Brasil a um público urbano cada vez mais interessado nas fotografias documentais. Assim, assistido por dois remadores e munido de uma grande quantidade de equipamentos, Frisch preparou em sua embarcação um complexo

laboratório onde revelava suas fotos por meio da complexa técnica do colódio úmido (Kohl, 2015). Improvisando as condições de um quarto escuro e trabalhando com frágeis placas de vidro, o fotógrafo compôs, a partir de 120 negativos, as 98 placas apresentadas no álbum *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.

As imagens, de uma maneira geral, podem ser classificadas em três conjuntos temáticos principais. No primeiro, Frisch apresenta exemplares zoobotânicos da região amazônica. Nessas imagens, animais silvestres abatidos, palmeiras e outras árvores de grande porte podem ser vistos em enquadramentos centrais e fundos propositalmente neutros (Rattes 2010). É o que vemos, por exemplo, nas Imagens 1 e 2.



Imagem 1 – Placa n° 36, Peixe Boi. Fonte: Frisch, A. *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.



Imagem 2 – Placa n° 53, Páo Mulato. Fonte: Frisch, A. *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.

Enquanto isso, um segundo grupo figura paisagens mais panorâmicas dos ambientes urbanos e rurais visitados por Frisch ao longo de sua viagem e, finalmente, em um terceiro conjunto de fotografias observamos uma composição cuidadosa de imagens dos povos indígenas e não-indígenas que viviam na região à época. É principalmente para esses dois últimos conjuntos que nos voltaremos a partir de agora.

Imagens do Solimões

O forte de São Francisco de Xavier de Tabatinga, erguido por volta de 1770 às margens do alto rio Solimões, deu origem, em 1866, ao município homônimo. À época da viagem de Albert Frisch, Tabatinga já havia sido descrita por exploradores e viajantes em textos e ilustrações, como vemos nas imagens de Marcoy (1862) e Spix & Martius (1968) (Imagens 3 e 4).

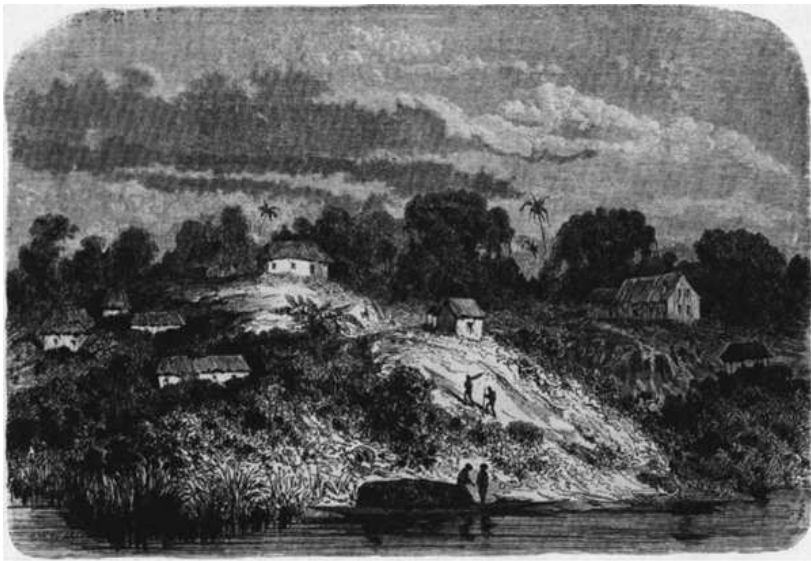


Imagem 3 – Tabatinga. Fonte: Marcoy 1862:355.



Imagem 4 – Tabatinga no século XIX. Fonte: Spix e Martius 1968:97.

Segundo Chaumeil, os estrangeiros que passavam pela região nesse período mostravam-se impactados por certa “impressão de grandeza” que o local lhes inspirava, considerando-a especialmente “inclinada à civilização” (1992:355). Usada como principal posto de parada e abastecimento no alto Solimões, Tabatinga foi também o ponto de partida da viagem de Frisch. Se a partir dos documentos da época podemos saber que ali, num dos limites ocidentais da fronteira brasileira, a empresa colonial colocava em marcha várias de suas aspirações econômicas, políticas e territoriais, as fotos de Frisch reforçam ou conferem precisão a informações dispersas nos extensos relatos escritos. Vejamos o caso da Imagem 5.



Imagem 5 – Placa nº 3, Tabatinga. Fonte: Frisch, A. *Résultat d’une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.

A tranquilidade dos soldados que contemplam a margem do rio nessa imagem pode ser lida como uma interessante metáfora para o

momento político que a região vivia no fim do século XIX. Com as fronteiras nacionais ainda fluídas e em latente negociação, era necessário erguer instalações militares ao longo do rio Solimões e, por meio da ocupação pacífica, garantir e consolidar os limites do território nacional. Em razão da sedentarização populacional no entorno dos postos militares e vilarejos pelos quais Frisch passou, alguns deles se consolidaram, mais tarde, como municípios do médio e alto Solimões. É o caso de São Paulo de Olivença, Tonantins, Fonte Boa e Tefé.



Imagem 6 – Placa n° 1, Loetitia. Fonte: Frisch, A. *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.

Embora a região nunca tenha enfrentado grandes disputas armadas (à exceção do conflito colombo-peruano em 1932-1933 (Uribe Gaviria 1935)), ela segue, até os dias de hoje, intensamente militarizada

em todos os lados da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Ao menos parcialmente, podemos afirmar que, desde o século XIX, tal necessidade de ocupação militar impõe-se em razão da instalação e do intenso trânsito de pessoas de múltiplas nacionalidades nessa área. É o que fica evidente quando analisamos outras imagens de Frisch, como a do posto peruano ‘Loetitia’ (Imagem 6), onde hoje encontra-se o município colombiano de Leticia; a dos barqueiros bolivianos nas proximidades de Manaus (Imagem 7); e, ainda, a dos comerciantes de Nova Granada (Colômbia) que arrimavam em Coari, à meia distância entre Tabatinga e Manaus, para fazer negócios (Imagem 8).



Imagem 7 – Placa nº 93, Acampamento de barqueiros bolivianos.
 Fonte: Frisch, A. *Résultat d'une Expédition Photographique sur
 le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro.*



Imagem 8 – Placa nº 60, comerciantes no rio Japurá.
Fonte: Frisch, A. *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.

O comércio que mobilizava os estrangeiros vindos dos países vizinhos não era, contudo, centrado apenas na negociação de bens ou mercadorias. Desde o século XVIII, fontes históricas mencionam um expressivo trânsito de comerciantes de escravizados que buscavam adquirir (e não apenas capturar) pessoas indígenas. Estes, no mais das vezes, eram cativos de guerra ou pessoas que gozavam de status inferior dentro de seu próprio povo (Karadimas 2000; Lucas 2021). Vários deles, trazidos de pequenos afluentes à montante de Tabatinga, estabeleceram-se em território brasileiro e seus descendentes encontram-se, hoje, em comunidades Miranha no médio Solimões.

Os Miranha

Atualmente, existem comunidades que se auto-reconhecem como Miranha na Colômbia e no Brasil. As comunidades Miranha na Colômbia concentram-se no Resguardo Indígena Predio Putumayo, às margens do rio Caquetá. Assim como os Bora, os Murui-Muina, os Muinane, os Nonuya e os Ocaina, os Miranha da região do Caquetá-Putumayo se auto-denominam, em espanhol, como Gente de Centro (Echeverri 2022) e traçam sua filiação étnica por via patrilateral. Por sua vez, os Miranha no Brasil encontram-se atualmente dispersos nas microrregiões de Tefé e Coari, no Centro Amazonense. Habitando pelo menos cinco diferentes Terras Indígenas, os Miranha no Brasil identificam a região do Caquetá-Putumayo como seu território de origem (Faulhaber 1996, Lucas & Rossini 2018), muito embora já não guardem narrativas detalhadas sobre a migração forçada de seus parentes para o médio Solimões no século XIX nem concebiam a filiação patrilateralmente. É sabido também que o termo Miranha foi empregado como um etnônimo generalizante para referir-se a pessoas de vários povos (Miranha, Bora, Murui-Muina, etc.) que foram trazidas do interflúvio entre os rios Caquetá e Putumayo e, ainda, que a própria etimologia do etnônimo faria referência às antigas práticas antropofágicas desses mesmos povos.

Spix e Martius redigiriam um dos relatos que melhor descrevem a situação dos Miranha nessa época. Dentre outras informações relevantes, os autores abordam como os próprios indígenas participavam ativamente das trocas de pessoas por mercadorias. Assim, tão logo chegaram em Puerto Miraña, no rio Caquetá, eles relatam que:

“Embora nenhum deles falasse o português, nem o tupi, queriam todos, entretanto, tratar de negócios [...]. Esse chefe havia adotado um nome cristão, como todos os outros, que tínhamos encontrado até aqui, embora dificilmente fosse batizado. João Manuel era conhecido e temido, não só entre os seus miranhas, mas em todo o alto Japurá. Provavelmente, tivera ele bastante coragem e espírito de iniciativa, para adquirir escravos da sua tribo ou das tribos vizinhas e negociá-los com os brancos. [...] Só o comércio com os brancos, que ele sabe controlar em nome de todos, parece que lhe

deu a supremacia, que ele faz valer entre os companheiros da tribo [...]. Depois da nossa chegada, despachou o tupixaba mensageiros para as matas, avisando que tinham chegado brancos para fazerem negócio, e queriam especialmente permutar adornos, armas e utensílios índios” (Spix & Martius 1968:209-210).

João Manuel, ao contrário de uma exceção, era apenas um dos indígenas localmente conhecidos por comercializar pessoas em troca de ferramentas de metal, armas e outros produtos industrializados. Em toda a região do Caquetá-Putumayo, chefes Miranha e Bora como Mañaho, Ivaejte e Cudsi Néépajyu adotaram nomes ocidentais e, quando não eram capazes de falar português, contavam com tradutores não-indígenas que se estabeleciam na região e se responsabilizavam pela mediação dos negócios com os comerciantes luso-brasileiros (Lucas 2019). Nota-se, porém, que os autores salientam que as pessoas entregues como escravizadas eram ‘da sua tribo ou das tribos vizinhas’.

Ao analisarmos o conjunto da obra de Spix & Martius (relatos escritos e imagens), não é difícil perceber certa ambivalência em relação aos Miranha. Se de um lado temos o ‘civilizado’ chefe João Manuel, capaz de negociar habilmente com os não-indígenas que chegam a seu território, de outro temos os ‘índios cativos’ que são entregues nas mãos dos comerciantes de escravizados. Ao voltarmos-nos a esses últimos, percebemos que os autores hesitam em relação à forma com que os representam. Assim, na Imagem 9, um Miranha de aparência forte e fisionomia marcante é retratado com adornos nasais do mesmo tipo daqueles descritos por Bates (1944:187). Já na Imagem 10, a jovem Isabela, Miranha levada por Spix e Martius a Munique e falecida poucos meses depois de sua chegada (Costa 2019), apresenta traços mais delicados e andrógenos⁴. A belicosidade e o exotismo evocados na primeira imagem contrastam com a fragilidade e a candura induzidas pela segunda. ‘Bons’ ou ‘maus selvagens’, ambos parecem se contrapor à civilização e ao bom manejo das relações com o mundo não-indígena presentes na descrição de João Manuel.



Imagem 9 - Miranha
com adornos nasais.
Fonte: Spix & Martius
1968:89.



Imagem 10 - Isabela.
Fonte: Spix &
Martius, 1823-1831.
Reise in Brasilien, vol.
IV, Atlas, prancha 16.

As oposições selvageria/civilização e bons/maus selvagens que notamos em Spix & Martius também podem ser percebidas nas fotos que Frisch tomou dos Miranha em território brasileiro. Se considerarmos o teor dos debates evolucionistas e difusionistas que guiavam o senso comum e as discussões antropológicas ao longo do século XIX, podemos interpretar ambos os materiais como imagens dessas ideias. Contudo, no caso das fotografias de Frisch, uma análise cuidadosa de elementos como as legendas e a composição das imagens (enquadramento, sobreposição, fotomontagem, temas, etc.) é capaz de revelar mais que apenas as linhas gerais da construção de tais oposições. Desta maneira, para além de uma simples reflexão sobre a autenticidade das imagens tendo em vista a explícita manipulação do material na pós-produção (Andrade 2002), vejamos como tais fotografias evidenciam o processo de construção de uma narrativa visual.

Imagens de selvageria

Imagem 11 – Placa nº 12, mulheres Miranha. Fonte: Frisch, A. *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.



Na Imagem 11, vemos em primeiro plano duas indígenas Miranha desnudas numa clareira. Ainda que não saibamos exatamente onde a foto foi feita (menciona-se apenas o ‘Alto Amazonas ou Solimões’), vemos em segundo plano uma casa construída no estilo não-indígena e um varal com tecidos estendidos. Curiosamente, a legenda diz: ‘Miranhas, mulheres selvagens em seu traje habitual’. A selvageria que lhes é incumbida por Frisch, muito provavelmente em razão da nudez, contrasta diretamente com as evidências da relação com o mundo não-indígena em segundo plano. Um olhar mais atento, ainda, revela que essas mulheres (principalmente a que aparece à esquerda) possuem os tornozelos e a área abaixo dos joelhos mais finos que o usual.



Imagem 12 – Screenshot do filme *Au Payl du Scalp*.
Fonte: Wavrin, Winter & Plantier, 2017.

Até o começo do século XX, os homens Miranha e de outros Povos do Centro utilizavam cotidianamente tapa-sexos feitos de liber. Enquanto isso, a indumentária feminina era composta apenas por adornos de fibra vegetal trançada atados com rigidez abaixo dos joelhos e nos tornozelos. Em ocasiões rituais, a protuberância formada nas pernas em razão da pressão dos ornamentos era adornada com plumas ou materiais vegetais. É o que vemos na Imagem 12, feita em 1930 por Robert de Wavrin entre os Bora no rio Putumayo.

Portanto, tudo indica que as mulheres que aparecem na foto de Frisch usavam frequentemente seus ornamentos de fibra vegetal, mas não os levavam no momento da foto. Portanto, por razões que desconhecemos e em que se pese a observação equivocada do fotógrafo, elas se encontram, na verdade, desprovidas de seus ‘trajes habituais’. O tema dos adornos e da indumentária segue sendo importante quando nos voltamos para imagens.

Imagem 13 – Placa nº 11, caçadores Miranha. Fonte: Frisch, A. *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.



A Imagem 13 foi composta a partir da mesma técnica de fotomontagem ou sobreposição que podemos observar ao longo de todo o álbum de Frisch. A dificuldade técnica que a tomada das fotos impunha foi, ao menos em parte, a justificativa para que Frisch fotografasse diversos fundos neutros e, em seguida, sobrepusse retratos feitos em outros contextos. Na imagem em questão, vemos em primeiro plano três homens Miranha munidos de uma série de artefatos e ornamentos como braceletes, tornozeleiras, diademas, zarabatanas, flechas e estojos para veneno. Na legenda, lemos a seguinte descrição: ‘índios antropófagos indo à caçada com ipadú na boca, que lhes serve de alimento por 3 dias’.

O ipadú ou mambe é uma substância consumida cotidianamente pelos homens adultos da região, feita a partir de folhas de coca (*Erythroxylum coca* var. *ipadu*) que, após serem tostadas, piladas e peneiradas, são misturadas às cinzas das folhas de embaúba (*Cecropia* sp.). Mais que uma substância estimulante ou um ‘alimento’ capaz de inibir o apetite de seus usuários, o ipadú ocupa um lugar central na mitologia, na vida ritual e no xamanismo dos Miranha e dos demais Povos do Centro (Echeverri e Pereira 2010). Sua existência é relatada na região de Tefé desde pelo menos o fim do século XVIII (Ribeiro de Sampaio 1825) e, se levamos em consideração as informações etnográficas disponíveis hoje, é muito pouco provável que as bochechas repletas de ipadú dos homens que vemos na foto sejam o reflexo de um uso eventual ou meramente utilitário da substância.

Ainda sobre a legenda, a menção de Frisch de que os fotografados se preparam para uma excursão de caça parece ser reforçada pela presença da zarabatana e dos recipientes para o armazenamento das flechas e do curare, substância venenosa usada para o abate de pequenos animais. Enquanto vemos na foto das mulheres desnudas (Imagem 11) a absoluta ausência de artefatos ou indumentárias operando como índice de sua suposta selvageria, a profusão

proposital de objetos na imagem dos homens caçadores se relacionaria, de certa maneira, à descrição que Frisch lhes confere: ‘índios antropófagos’.

A antropofagia entre os Miranha e outros Povos do Centro parece ter sido definitivamente interrompida no começo do século XX (Wavrin 1948), mas podemos supor que, já no século XIX, as condições para realizar tais rituais no médio Solimões, tendo em vista o intenso contato com os não-indígenas, não eram muito favoráveis. Antes disso, de maneira similar àquela relatada entre os Tupi na costa do Brasil no século XVI (Viveiros de Castro 1992) ou entre os Shuar na Amazônia equatoriana (Taylor 1984), os povos da região do Caquetá-Putumayo consumiam a carne de seus inimigos em rituais nos quais a imbricada relação entre matadores e vítimas se manifestava por meio de certas restrições alimentares, como a proibição de tocar diretamente na carne. Capturados em excursões guerreiras motivadas pela vingança e pela obtenção de cativos, o tratamento dos corpos dos inimigos, a extração de suas canções rituais antes da morte e o uso dos troféus confeccionados com suas cabeças, ossos e dentes, evidenciavam como a antropofagia era, acima de tudo, um processo produtivo (Karadimas 1997). Os Povos do Centro atuais, nesse sentido, afirmam que a antropofagia na região tinha no ato de vomitar a carne consumida uma clara evidência de sua irrelevância nutricional (Lucas 2019). Assim, a associação (ainda que indireta) entre a saciedade gerada pelo ipadú e a avidez pela caça de animais e pela obtenção de carne humana na Imagem 13 não leva em consideração nem a especificidade do ipadú, nem as diferenças fundamentais entre o abate de animais para alimentação e o consumo ritual dos inimigos cativos⁵.

A intencionalidade contida no processo de montagem das imagens da nudez selvagem e da antropofagia insaciável dos Miranha fica ainda mais clara quando observamos a divergência notória entre estas fotos e outras imagens compostas por Frisch.

Imagens de civilização



Imagem 14 – Placa n° 21, dois Miranha ‘semi-civilizados’.
Fonte: Frisch, A. *Résultat d'une Expédition Photographique
sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.

Na Imagem 14, a legenda descreve ‘Miranhas meio-civilizados, do rio Japurá, lado direito do Amazonas, não falando, contudo, o português’. Se os indígenas que aparecem na imagem não dominam o idioma nacional (algo que pressupomos ser para o fotógrafo um índice de ‘selvageria parcial’), algumas informações podem nos indicar o que mais lhes faria ser, afinal, ‘meio civilizados’.

Na foto em questão, percebemos objetos de dois tipos. De um lado, temos os artefatos de produção indígena, como o arco e a flecha segurados pelo homem e a panela de barro e a esteira que aparecem em segundo plano no quadrante direito inferior. Valendo-se evidentemente das técnicas de fotomontagem, a mulher que Frisch traz ao primeiro plano leva, em sua cabeça, um cesto feito com fibras vegetais. Produzido ainda nos dias de hoje pelos povos da região, tal artefato é utilizado para o armazenamento e o transporte de produtos do roçado, principalmente tubérculos (como mandioca e carás) e folhas de coca ou ou tabaco.

Por outro lado, diferentemente das fotos anteriores, nas quais os artefatos indígenas (ou a ausência deles) estão em evidência, na Imagem 14 este tipo de objeto convive, em um mesmo quadro, com os produtos industrializados. Esse é o caso do terçado que a mulher empunha, da bacia de metal no centro da imagem e, principalmente, das roupas que ambos vestem. Ainda que os têxtis industrializados figurem de maneira marginal nas Imagens 11 e 13 (respectivamente no varal em segundo plano e no tecido que o homem ao centro leva transpassado na cintura), a indumentária industrializada exerce aqui um papel preponderante. Ao contrário dos outros objetos manufaturados, que podem mesmo passar despercebidos num olhar desatento à imagem, a importância dada por Frisch à nudez e aos adornos corporais indígenas enquanto índices da selvageria nas fotos anteriores nos permite supor que as roupas funcionam, aqui, como evidências da ‘meia-civilidade’ dos Miranha fotografados. A foto e sua legenda nos levariam a considerar, portanto, que apesar de não falarem português, o homem e a mulher que figuram na imagem estabeleciam relações mais intensas e duradouras com o mundo não-indígena – ou, se quisermos, eram mais ‘integrados’ à ‘civilização’. A eminência do trabalho no roçado evocada pelo cesto vazio e o terçado empunhado pela mulher podem nos ajudar a estabelecer a relação entre essa suposta integração dos Miranha à sociedade nacional e as atividades que exerciam, à época, na região. Vejamos o caso da Imagem 15.



Imagem 15 – Placa n° 24, lago Curuá. Fonte: Frisch, A. *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*.

Na legenda da imagem, lemos: : ‘O lago Curuá (margem direita). 50 léguas abaixo de Fonte Boa, com uma canoa de índios submisos, Miranhas, indo à roça (plantação)’. Se seguimos o curso do rio Solimões cinquenta léguas à jusante de Fonte Boa (atualmente um município do estado do Amazonas brasileiro), nos encontramos na região de Tefé. Precisamente, foi nessa área que, no fim do século XIX, autores como Spix & Martius (1968), Bates (1944), Marcoy (1862), Creveaux (1883), Ribeiro de Sampaio (1825) e Koch-Grumberg (1910) registraram a presença de diversos Miranha trabalhando como ‘esca-

vos' ou 'empregados domésticos' em barracões de borracha, entrepostos e domicílios de não-indígenas. Seguindo as fontes escritas e as narrativas dos próprios indígenas, sabemos que muitos chegaram à região fugindo dos maus tratos e do trabalho forçado impostos por aqueles que os haviam comprado nas negociações com os chefes Miranha mencionados anteriormente. Nessa movimentação, estabeleceram-se, em grande número, em Cuiú-Cuiú, um assentamento adjacente à Jubará, por sua vez uma espécie de 'feitoria' onde o trabalho nos seringais e castanhais era, supostamente, remunerado de maneira considerada mais justa pelos indígenas. Mais tarde, no começo do século XX, as péssimas condições de trabalho fizeram novamente com que alguns deles se transladassem de Cuiú-Cuiú para os assentamentos de Méria e Miratu.

Enquanto sabemos que Miratu foi formado por indígenas fugidos do rio Cahuinari (afluente do baixo Caquetá em território colombiano), a origem do assentamento de Méria relaciona-se com a exploração da castanha na região. Segundo Faulhaber:

"Inácio era índio Uitoto [Murui-Muina] e deslocou-se no início do século de Araraquara, cachoeira localizada dentro da Colômbia, para o Brasil, onde se 'amasiou' com uma filha e Miranhas do rio Traíra, também na Colômbia. Chico Preto nasceu em 1905 e se casou com D. Nêga (Josefina Gonçalves), filha de Ricardo, um índio Uitoto de Santo Antônio do Içá. Chico Preto conta que Méria foi formada a partir da relação entre o SPI, a família Gonçalves – dos maiores comerciantes da cidade de Alvarães – e o Uitoto Inácio Faria. Os Gonçalves vendiam a castanha para o 'Seu Sempre', que era comerciante em Manaus, e comprava castanha em toda a região, e a transportava para Manaus no navio de nome Marapatá" (1996:291).

Importantes informações de que dispomos hoje sobre a fundação de Méria foram fornecidas em um relatório feito pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1928⁶. Nesse documento, é possível encontrar fotos como a que vemos na Imagem 16.

A construção que aparece na imagem é, em relação a seu estilo arquitetônico, uma maloca idêntica àquelas erguidas ainda hoje pelos Povos do Centro que moram em território colombiano e peruano. Nessa

maloca, os moradores atuais de Méria e Miratu contam que eram realizados frequentemente os rituais ou machoaís, ocasiões nas quais os Miranha que viviam nessas e em outras comunidades da região se reuniam para dançar, compartilhar alimentos ou simplesmente ‘brincar’. Para comunicar aos convidados o acontecimento dos rituais, executavam mensagens codificadas nos trocanos ou tambores de comunicação característicos desses mesmos povos. Reunidas, essas informações nos permitem compreender que, na virada do século XIX para o XX, os Miranha da região de Tefé emprenharam-se em construir redes de relações que interligassem suas comunidades por meio de trocas e rituais⁷. Ao mesmo tempo, buscaram estabelecer vínculos comerciais que os colocassem em posições consideradas menos desiguais comparadas àquelas que ocupavam face aos comerciantes e compradores de escravizados⁸.

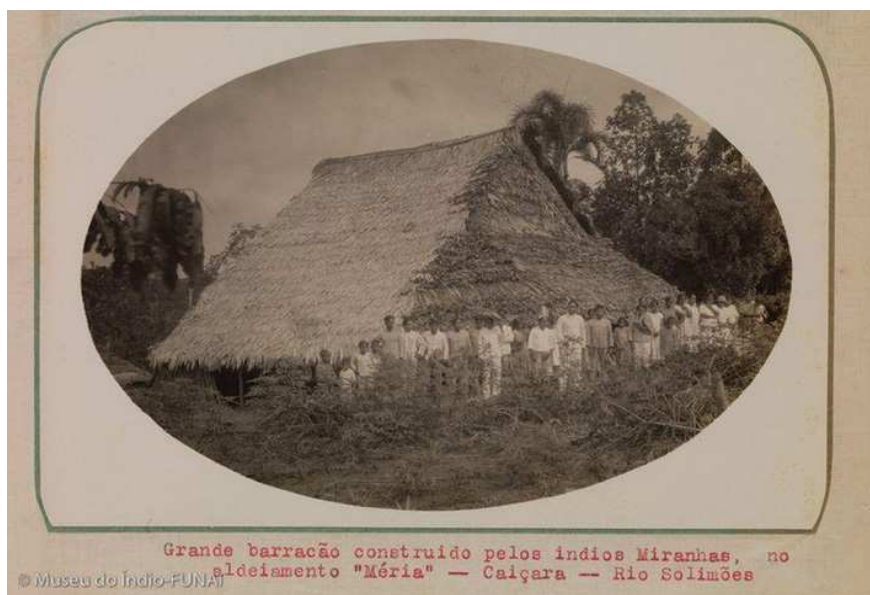


Imagem 16 – Aldeia Méria. Fonte: SPI, 1928: microfilme 340, planilha 053. Legenda original: “Grupo de índios Miranhas pôsando por ocasião da visita do engenheiro-auxiliar da Inspectoria à aldeia ‘Méria’ – Caiçara – Rio Solimões”.

Mesmo que as informações disponíveis nas narrativas Miranha e nos relatórios do SPI não remontem à 1867-8 (data em que Frisch concebeu a Imagem 15), dispomos de elementos suficientes para refletir sobre como dizer que os Miranha eram ‘submissos’ aos não-indígenas no fim do século XIX é achatar ou simplificar demais tais relações. Assim, a evidente intenção de Frisch na construção de uma narrativa sobre a selvageria e a civilização a partir da composição de suas fotos e da importância dispensada às roupas, aos adornos e aos artefatos ganha, aqui, novos contornos. Ao observarmos a associação que o fotógrafo estabelece entre o trabalho nos roçados e a subordinação aos ‘patrões’ não-indígenas locais, percebemos que, por um lado, essa analogia não leva em consideração o esforço dos Miranha em evadir-se da imposição do trabalho forçado e do regime de escravidão tal como podemos constatar nos registros e narrativas mencionados. Por outro, não atenta para o fato de que o trabalho em barracões, feitorias e casas de família pode ter sido, como em outros casos na Amazônia Ocidental (Gow 1991; Bonilla 2005), uma forma privilegiada para a obtenção de bens e para a construção de relações de parentesco e aliança com o exterior.

Obviamente, há certa dose de imprudência e anacronismo na indicação de incongruências ou críticas ao trabalho de Frisch. Ao invés disso, tendo em mente a posição do jovem fotógrafo enquanto estrangeiro sem contato prévio com as populações indígenas e sua necessidade de atender a demanda da clientela da Casa Leuzinger, é mais interessante que enxergamos essas imagens enquanto documentos históricos. É dizer, que pensemos tais fotografias ao mesmo tempo como potentes retratos das relações estabelecidas entre os Miranha e a população não-indígena local e como expressões das imagens e das ideias que a população urbana da época construía (e consumia) dos indígenas da selva tropical. Dentre essas, destaca-se a oposição entre selvageria e civilização que observamos já no trabalho de Spix & Martius, mas cuja construção deliberada torna-se ainda evidente na análise das fotos de Frisch. Assim, podemos nos perguntar sobre a na-

tureza (ou mesmo sobre a efetividade) do contraste entre, de um lado, os Miranha ‘submissos’ ou ‘semicivilizados’ dirigindo-se ao roçado e, de outro, os homens e mulheres ‘selvagens’ ou ‘antropófagos’: afinal, o que será que de fato os separava?

Considerações finais

Ao observarmos as fotos dos Miranha tomadas por Frisch e as legendas que as acompanham, temos a impressão de que essa população se encontrava em situações de contato muito díspares no alto e médio Solimões. Porém, um cotejamento cuidadoso das mesmas com as narrativas presentes nos discursos indígenas e nos relatos escritos revela que ao mesmo tempo em que os Miranha trabalhavam em injustas condições para os padrões não-indígenas, o fato de circularem nessa região os permitiu, ao longo do tempo, ter acesso continuado aos bens industrializados e manter trocas rituais e de casamento com pessoas vindas de diversas comunidades dos Povos do Centro. Assim, é muito mais provável que os Miranha no alto e médio Solimões, ao invés de isolados em condições de contato distintas, estivessem na verdade envolvidos em extensas e complexas redes de relações que, no cotidiano, os faziam lidar justamente com essa ambivalência das imagens que os não-indígenas lhes incutiam. Assim, por meio do exame das fotos de Frisch, vemos que os Miranha são apresentados nas imagens a partir de atribuições que deslizam entre retratá-los como ‘antropófagos’, ‘selvagens’, ‘meio-civilizados’ ou ‘submissos’. Tais definições mobilizadas pelos não-indígenas terminam por trazer à tona a maneira pela qual o autor e os consumidores das fotos construíam, por contraste, suas próprias autoimagens da ‘civilização’. Nesse sentido, algumas pistas oferecidas pela composição das fotos são interessantes.

A manipulação das imagens ou a fotomontagem é uma técnica tão antiga quanto a própria fotografia (Ades 1976). Assim, sabe-se que intervenções na pós-produção são feitas a partir de fotos originais desde pelo menos a primeira metade do século XIX. Se parte das intervenções de Frisch justificava-se pelas dificuldades da aplicação da

técnica fotográfica do colódio úmido no desafiador ambiente amazônico, vimos que, nas Imagens 11, 13 e 14, a combinação dos recortes dos retratos dos Miranha com diferentes planos de fundo parece criar uma narrativa visual composta em razão de motivos outros que a mera limitação tecnológica. Contudo, ao invés de evidenciar a intenção de tal manipulação, Frisch optou por criar, tanto quanto possível, montagens que pudessem ser consideradas naturais ou fidedignas pelos consumidores das imagens. Para logr-lo, ele recorreu exatamente à ideia pré-concebida que os últimos possuíam sobre o que era, afinal, a civilização: usar roupas e ferramentas, submeter-se ao trabalho no roçado e abandonar os artefatos indígenas, a antropofagia e o uso de substâncias como o ipadú. Anos mais tarde, quando dadaístas como Hannah Höch e Raoul Hausmann desenvolveram seu interesse pela utilização da fotomontagem na concepção de obras de arte, eles encontraram inspiração exatamente em sobreposições de imagens de mémentos militares (Chéroux 2004) que, enquanto peças de publicidade, se assemelhavam às fotografias documentais de Frisch.

Refletindo apenas sobre uma dezena das fotos tomadas por Frisch na Amazônia, busquei brevemente desconstruir a ideia de que tais imagens são simplesmente documentos imparciais que registram como os Miranha viviam no médio e alto Solimões na segunda metade do século XIX. A partir da comparação entre as fotos e as informações etnográficas e históricas disponíveis, podemos argumentar que a principal montagem ou manipulação operada por Frisch consistiu precisamente em trazer ao primeiro plano ora a imagem da selvageria, ora a da civilização. Entretanto, ao refletirmos sobre esse jogo de figura e fundo e sobre suas possíveis semelhanças com as técnicas de fotomontagem, compreendemos que o isolamento ou a assincronia dessas diferentes imagens é irrealizável. Mesmo quando Frisch tenta delimitar com grossas margens a ‘selvageria’ ou a ‘civilização’ dos Miranha, o transbordamento dessas fronteiras, evidentes em pequenos indícios aqui e acolá, nos indica que elas muito provavelmente faziam mais sentido ao fotógrafo e a seu público consumidor do que aos fotografados.

Vale ressaltar que a interpretação da narrativa visual construída por Frisch que proponho é, certamente, apenas uma dentre muitas possíveis. Dezenas de outras fotos, como aquelas tomadas na cidade de Manaus ou entre etnias hoje pouco conhecidas (principalmente Caixana, Passé e Amauá) aguardam análises mais apuradas. Desde a época de Frisch, a região entre Tabatinga e Manaus segue sendo destino de exploradores, comerciantes, pesquisadores, turistas e militares. Quem chega à zona hoje encontra aldeias urbanas, agências de turismo de selva e batalhões do exército coexistindo com regatões, operadores de câmbio, universitários, narcotraficantes e missões religiosas, em um imbricado amálgama de atores e relações que, em seu conjunto, foi descrito ou documentado em poucos trabalhos. Antes que seguir esterilizando tais contradições por meio da construção de imagens hipoteticamente puras da região, pode ser mais interessante explorar, no passado e no presente, seus próprios movimentos de sobreposição e montagem.

Notas:

¹ Em 2021, a bolsa de pesquisa em fotografia do Instituto Moreira Salles teve como tema o álbum de Frisch.

² Algumas fotos dessas populações já haviam sido tomadas à época, mas sempre longe de seus territórios de origem (Gâmbera 2013).

³ Para o uso das imagens dos povos amazônicos de Frisch e de outros em exposições universais europeias no fim do século XIX, ver Schuster & Quiñones (2019).

⁴ Recentemente, a história de Isabela serviu de inspiração para o premiado romance *O Som do Rugido da Onça*, de Verunschik (2021).

⁵ Isso não significa que a caça entre os ameríndios seja uma atividade meramente nutricional, mas sim que o consumo cotidiano da carne animal é cercado por relações e ‘ambivalências’ (Hugh-Jones 1996) distintas (ao menos em escala) daquelas envolvidas na antropofagia.

⁶ Há também um relatório do mesmo órgão que, em 1931, trata da comunidade de Miratu. Ambos assentamentos foram reconhecidos como Terras Indígenas (TI) pelo Estado brasileiro na década de 1990. O mesmo aconteceu, no começo dos anos 2000, com a TI Cuiú-Cuiú. Há Miranhas ainda nas TIs Barreira da Missão e Cajuhuiiri Atravessado.

⁷ Parte das informações mencionadas aqui foram levantadas em 2018 junto aos Miranha das TIs Méria e Miratu por mim e pelos pesquisadores José Cândido Ferreira e Lionel Rossini no âmbito de um projeto de documentação sobre saberes etnohistóricos (projeto 914BRZ4019 – UNESCO/Museu do Índio/FUNAI).

⁸ De certa maneira, se guardamos em mente a atuação dos Miranha do médio Solimões na política local e suas reivindicações frente ao Estado brasileiro (Faulhaber 1992; Oliveira e Souza 2007), podemos afirmar que essa é uma postura que sustentam até os dias atuais.

Referências:

- ADES, D. 1976. *Photomontage*. London: Thames and Hudson Ltd.
- ANDRADE, J. 2002. “Preciosidades do acervo: as primeiras fotografias da Amazônia. Resultado de uma expedição fotográfica pelo Solimões ou Alto Amazonas e Rio Negro, realizada por conta de G. Leuzinger, Rua do Ouvidor 33 e 36, pelo Sr. A. Frisch, descendo o rio num barco com dois remadores, desde Tabatinga até Manaus”. *Anais da Biblioteca Nacional*, 122:339-362.
- ARNAUD, E. 1981. “Os índios Mirânia e a expansão luso-brasileira (Médio Solimões-Japurá, Amazonas)”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia*, 81:1-48.
- BATES, H. 1944. *O naturalista do rio Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BONILLA, O. 2005. “O bom patrão e o inimigo voraz: predação e comércio na cosmologia Paumari”. *Mana*, 11(1):41-66.
- CHAUMEIL, J.-P. 1992. “De Loreto à Tabatinga. D’une frontière l’autre : antagonisme sur l’Amazone au xixe siècle et après”. *L’Homme*, 122-124:355-375.
- CHÉROUX, C. 2004. “Les discours de l’origine: à propos du photogramme et du photomontage”. *Études photographiques*, 14:1-16.
- CRÉVAUX, J. 1883. *Voyages dans l’Amérique du Sud*. Paris: Librairie Hachette.
- COSTA, M. F. 2019. “Os ‘meninos índios’ que Spix e Martius levaram a Munique”. *Artelogie*, 14:1-17.
- ECHEVERRI, J. A. 1997. *The people of the center of the world: a study in culture, history, and orality in the Colombian Amazon*. Ph.D. Dissertation. New York: New School for Social Research.
- ECHEVERRI, J. A. & PEREIRA, E. 2010. “‘Mambear coca no es pintarse de verde la boca’: Notas sobre el uso ritual de la coca amazónica”. In CHAVES & DEL CAIRO (eds.): *Perspectivas antropológicas sobre la Amazonia contemporánea*, pp. 565-594). Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia ICANH & Universidad Javeriana.

- FAULHABER, P. 1996. "A territorialidade Miranha nos rios Japurá e Solimões e a fronteira Brasil-Colômbia". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia*, 12(2):279-303.
- FAULHABER, P. 1992. *O Lago de Espelhos: um estudo das concepções de fronteira a partir do movimento dos índios em Tefé/AM*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp.
- GÂMBERA, J. L. 2013. "Fotografia na Amazônia brasileira: considerações sobre o pioneirismo de Christoph Albert Frisch (1840-1918)". *PÓS-Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, 20(34):180-197.
- GOW, P. 1991. *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*. Oxford: Oxford University Press
- HUGH-JONES, S. 1996. "Bonnes raisons ou mauvaise conscience ? De l'ambivalence de certains Amazoniens envers la consommation de viande". *Terrain*, 26:123-148.
- KARADIMAS, D. 1997. *Le Corps Sauvage: Idéologie du corps et représentations de l'environnement chez les Miraña d'Amazonie colombienne*. Tese de Doutorado. Paris: Université Paris X.
- KARADIMAS, D. 2000. "Parenté en esclavage: Pratiques matrimoniales et alliances politiques chez les Miraña d'Amazonie colombienne". *Droit et Cultures*, 39:81-100.
- KOHL, F. 2015. "Albert Frisch and the first images of the amazon to go around the world". In WOLFF, Gregor (ed.): *Explorers and Entrepreneurs behind the Camera. The stories behind the pictures and photographs from the image archive of the Ibero-american Institute*, p. 26-35. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut.
- LUCAS, M. L. 2019. *O Oriente e o Amanhecer: História, parentesco e ritual entre os Bora na Amazônia Colombiana*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- LUCAS, M. L. & ROSSINI, L. 2018. *O caminho do centro [DVD]*. Museu do Índio – Funai, 32min.
- KOCH-GRUMBERG, T. 1910. "Die Miránya (Rio Yapurá, Amazonas)". *Seits hrift fur Ethnologie*, 42:896-914.
- MARCOY, P. 1862. *Travels in South America: from the Pacific Ocean to the Atlantic Ocean. Volume II – Tumabuya – Sarayacu – Tierra Blanca – Nauta – Tabatinga – Santa Maria de Belen*. New York: Scribner Armstrong & Co.
- OLIVEIRA E SOUZA, M. 2011. *Passar para indígena na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- RATTES, C. 2010. *Retratos do Outro: as fotografias antropológicas da Expedição Thayer e da Comissão Geológica do Império do Brasil (1865-1877)*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

- RIBEIRO DE SAMPAIO, F. 1825. *Diario da Viagem que em visita, e correição das povoações da capitania de S. Joze do Rio Negro fez o ouvidor, e intendente geral da mesma Francisco Ribeiro de Sampaio no anno de 1774 e 1775*. Lisboa: Typografia da Academia.
- SCHUSTER, S. & QUIÑONES, O. 2019. "La fotografia como fuente histórica: retratos de indígenas amazónicos en la Exposición Universal de Viena en 1973. In CHICANGANA-BAYONA, Y., PÉREZ, M. C. & SIERRA, A. M. (eds.): *El oficio del historiador: Reflexiones metodológicas en torno a las fuentes*, p. 201-230. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes; Universidad del Rosario; Medellín: Universidad Nacional de Colombia.
- SPI (Serviço de Proteção ao Índio). 1928. *Relatório da Inspetoria Amazonas e Acre I.R.I.* Rio de Janeiro: Acervo SPI/Museu do Índio.
- SPIX, J. B. & MARTIUS, K. F. 1823, 1828, 183. *Reise in Brasilien*. 3 vols. e 1 Atlas. M. Lindauer (vol. I), I. J. Lentner (vol. II), C. Wolf (vol. III), Munique: Gedruckt bei M. Lindauer.
- SPIX, J. B. & MARTIUS, K. F. 1968. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- TAUSSIG, M. 1987. *Shamanism, Colonialism, and the Wild Man: A Study in Terror and Healing*. Chicago: University of Chicago Press.
- TAYLOR, A.-C. 1984. "Les Bons Ennemis et les Mauvais Parents: le Traitement Symbolique de L'Alliance dans les Rituels de Chasse aux Têtes des Jivaros de l'Equateur". In COPET, E. & HÉRITIER, F. (eds.): *Les complexités de L'Alliance, IV (Économie, Politique et Fondements Symboliques de L'Alliance)*, p. 73-105. Paris: Archives Contemporaines.
- URIBE GAVIRIA, C. 1935. *La verdad sobre la guerra (Vol. 2)*. Bogotá: Ed. Cromos.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1992. "O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem". *Revista de Antropologia*, 35:21-74
- WAVRIN, R. 1948. *Les Indiens Sauvages de l'Amerique du Sud (Vie Sociale)*. Paris: Payot.
- WAVRIN, R., WINTER, G. & PLANTIER, L. 2017. *Marquis de Wavrin [DVD]*. Bruxelles: Cinematek, 296 minutos.

**Images of Wildness and Civilization:
the Miranha and the photographs of Albert Frisch**

Abstract: This article aims to present to the reader some images from the album *Résultat d'une Expédition Photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*. This photo collection, taken in the second half of the 19th century by the German photographer Albert Frisch, is today

considered the first images of the Amazon. Our attention will be mainly focused on the photographs taken between the Miranha in the upper and middle Solimões. By comparing the artifices of composition and montage of the images with the available ethnographic and historical data, we will see how the photographs oscillate in portraying the Miranha sometimes as ‘savages’, sometimes as ‘civilized’. We will also see how these apparently contradictory attributes are not a particularity of Frisch’s work.

Keywords: Albert Frisch, Miranha, Amazon, Solimões river, Photography.

Recebido em outubro de 2022.

Aprovado em novembro de 2023.